

A FAMÍLIA AÇORIANA COELHO DA ROCHA UM TRAJETO HISTÓRICO-GENEALÓGICO

■ *Gilson Santos*

Integrando o grupo central de ilhas do arquipélago açoriano, a Ilha Terceira¹ é dividida em dois concelhos, os quais contam com trinta freguesias: o concelho de Angra de Heroísmo, com dezenove freguesias; e o concelho de Praia da Vitória, com onze freguesias.²

Para as nossas finalidades aqui, cabe-nos destacar duas freguesias terceirenses: **Vila Nova**, no Concelho de Praia de Vitória, localizada a nordeste da ilha; e **Altares**, no Concelho de Angra do Heroísmo, localizada a noroeste.



AS ORIGENS EM VILA NOVA

Ao nordeste da Ilha Terceira, **Vila Nova** é caracterizada por uma costa rochosa e alta e por uma vasta baía que alberga a *Piscina das Escaleras*. O local foi um dos primeiros povoados da ilha Terceira. Lugar

¹ A *Terceira* é uma das nove ilhas dos Açores, integrante do chamado "Grupo Central". Primitivamente denominada como *Ilha de Nosso Senhor Jesus Cristo das Terceiras*, foi em tempos remotos o centro administrativo das *Ilhas Terceiras*, como era designado o arquipélago dos Açores. A designação *Terceiras* aplicava-se a todo o arquipélago dos Açores, visto terem sido as terceiras ilhas descobertas no Atlântico (o arquipélago das Canárias era designado de Ilhas Primeiras e o arquipélago da Madeira por Ilhas Segundas, segundo a ordem cronológica de Descoberta). Com o avançar dos anos, a ilha passou a ser conhecida apenas por *Ilha Terceira*.

² Para mais informações sobre o arquipélago dos Açores em geral, e para a Ilha Terceira em particular, cf. SANTOS, Gilson. *A Família Açoriana Rocha Borba: Um Trajeto Histórico Genealógico*. Online aqui: <https://wp.me/p2loMO-44Y> [Acesso em 03/11/2020]

de grande riqueza e de abundância de recursos, a freguesia foi sempre um local privilegiado para o estabelecimento de algumas famílias nobres e influentes.

A região paroquial era denominada *Freguesia do Divino Espírito Santo de Vila Nova*. Ignora-se a data de sua elevação como freguesia independente, conquanto afirmem alguns historiadores que será anterior a 1482. Seria, assim, uma das primeiras freguesias da ilha, possivelmente, ao mesmo tempo em que Santa Bárbara, São Sebastião e Praia da Vitória.

Devido às características do seu relevo e da fertilidade dos seus solos, em Vila Nova se cultivavam cereais e pastel³. Foi, pela época do início do povoamento da ilha, um dos locais onde intensas atividades comerciais ocorriam, por ali existirem muitos tratantes de mercadorias, ferreiros, serralheiros, ferradores, carpinteiros, tecelões e sapateiros. Também a atividade piscatória era frequente, pois em sua costa marítima havia fartura de peixe.⁴

O primitivo templo da *Igreja Paroquial do Divino Espírito Santo* data do século dezesseis. A sua construção distante do centro da freguesia está relacionada ao fato de numa fase inicial servir as populações tanto de Vila Nova quanto de Agualva⁵, quando ambas constituíam uma só povoação. Ao longo dos séculos, dada a necessidade de reparos e o aumento da população, impôs-se a construção de um novo templo, o que se materializou no último quartel do século dezenove, com inauguração em 1882.⁶ Do primitivo templo do século dezesseis resta apenas a pedra do degrau que separa a capela-mor do corpo da igreja. A festa do “Divino Espírito Santo” tornou-se uma das mais tradicionais da Ilha.

Em Vila Nova, na primeira metade do século dezessete, de particular interesse aqui são algumas mulheres cujo sobrenome era *Nunes*, as quais descendiam de André Afonso e Isabel Lucas. André Afonso, “o Chelro”, “possuía lavoura e escrava”, era “irmão de Gregório Afonso e de Antão Afonso” das Quatro Ribeiras.⁷ Este numeroso núcleo familiar, majoritariamente feminino, descendia das famílias *Fagundes*, *Aguar*, *Coelho*, *Lucas* e *Evangelho*, para destacar algumas mais conhecidas. Seguem breves apontamentos sobre os genearcas dessas famílias:

- Afonso Gonçalves *Antona Baldaya* (c. 1415- 1481), conhecido como “O Velho de São Francisco”, foi um navegador português e explorador do século quinze, um dos primeiros colonos da ilha Terceira, para onde partiu com o capitão-do-donatário, Jácome de Bruges, ou, segundo outros escritores com o capitão-do-donatário da Praia, Álvaro Martins Homem, de quem foi lugar tenente.⁸ Esta família é oriunda da cidade do Porto, da geração dos *Baldayas*. Na dita ilha recebeu em doação muitas e importantes propriedades, e designadamente as existentes entre o corte da Cruz do Marco e a Ribeira de santo Antão, e Pelo Belo Jardim até ao Alto da Serra. Afonso Gonçalves de Antona Baldaya teria

³ Planta herbácea bienal conhecida pelo nome comum de “pastel”. Originária do sudoeste e centro da Ásia, a planta foi intensamente comercializada na Europa durante a Idade Média e a Renascença para produção de corante azul para tinturaria e pintura. O nome comum deriva do termo latino *pasta*, aplicado porque durante o processo de fabrico do corante as folhas eram esmagadas por moenda até formarem uma pasta, a qual era deixada para fermentar e secar. O corante, manufaturado a partir do extrato fermentado das folhas, caiu em desuso com a introdução do anil.

⁴ Cf. verbete introdutório: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Nova_\(Praia_da_Vit%C3%B3ria\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Nova_(Praia_da_Vit%C3%B3ria)) [Acesso em 03/11/2020]

⁵ A freguesia vizinha de “Nossa Senhora de Guadalupe de Agualva”. O nome deste povoado, “água alva”, sofreu contração e passou a ser popularmente *Agualva*. O nome está intimamente relacionado com o grande número de fontes de água cristalina que existem no seu território e que a tem valorizado desde o seu povoamento.

Agualva foi um antigo curato da Freguesia de Vila Nova. O período mais provável para a completa independência desta freguesia é apontado como o último quartel do século dezesseis. Surge num registo de batismo datado de 8 de dezembro de 1607, quando se informa que foi batizada uma menina na Igreja Paroquial do Espírito Santo, e que os pais eram oriundos da freguesia de *Nossa Senhora do Guadalupe*. Cf. verbete introdutório: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Agualva_\(Praia_da_Vit%C3%B3ria\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Agualva_(Praia_da_Vit%C3%B3ria)) [Acesso em 03/11/2020]

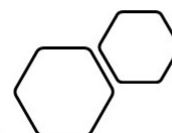
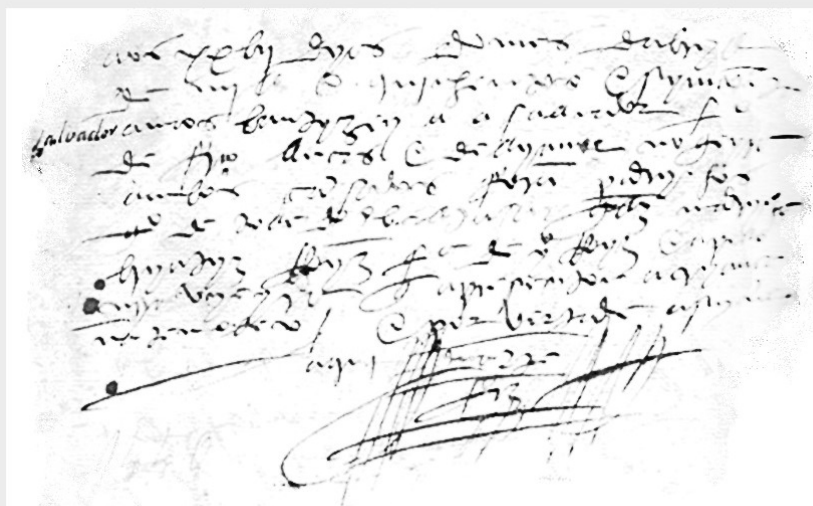
⁶ Este templo, por sua vez, foi atingido por um violento incêndio em 1958, vindo a ser reedificado em 1961.

⁷ Forjaz & Mendes, *Genealogias da Ilha Terceira*, TT. Lucas §3, N6.

⁸ Cf. verbete introdutório da Wikipedia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Afonso_Gon%C3%A7alves_Baldaia

se estabelecido na Ilha Terceira já viúvo de D. Antônia Gonçalves, havendo celebrado segundas núpcias com Inês Rodrigues *Fagundes*.

- João de *Aguiar* (1501–1548) foi o primeiro deste apelido que passou à Terceira. João de Aguiar “recebeu uma dada de terras nas Quatro Ribeiras, desde o Cruzeiro até a Ribeira da Igreja. Morava nas Lajes quando em 1507 foi testemunha do testamento de Pedro de Barcelos e de sua mulher. Fez testamento em 12 de março de 1548 nas notas do tabelião João Anes Nobre, da Praia.”⁹ Não obstante algumas hipóteses e com destaque para uma delas, não se tem conhecimento do nome da esposa de João Aguiar.
- João *Coelho*, fidalgo de D. João II, nascido em Guimarães entre 1435 e 1445, e que se casou com Catarina Rodrigues da Costa, veio para a ilha Terceira com o primeiro capitão donatário, Jácome de Bruges, havendo se instalado no Porto Judeu. Segundo consta, João Coelho viajou para as Antilhas antes de Colombo, entre 1475 e 1484, onde terá morrido. Genealogistas traçam as origens da família Coelho nos *Ribadouros*, uma das mais antigas casas de Portugal. Alguns indicam que os Ribadouros, por sua vez, descendem dos antigos *Condes de Coimbra* (Condado de Coimbra). Os Condes de Coimbra, por sua vez, descendem de Égica, também conhecido por Flávio Égica, rei dos Visigodos (c. 610-702).¹⁰
- Gaspar Rodrigues *Evangelho* é o primeiro deste sobrenome de que se tem notícia nos Açores. Ele se casou na ilha do Pico com Filipa Pereira, por volta de 1516. Gaspar Rodrigues Evangelho era filho de Rui Lourenço, escudeiro da vila de Óbidos, e de sua mulher Isabel Martins Evangelho.
- Salvador *Lucas*, filho de Francisco Lucas e Leonor Nogueira, foi batizado em 6 de abril de 1550 na Igreja de Santa Barbara, Nove Ribeiras, Ilha Terceira, Bispado de Angra. Ele casou-se com Isabel Pires, em 8 de janeiro de 1576, na mesma igreja paroquial.

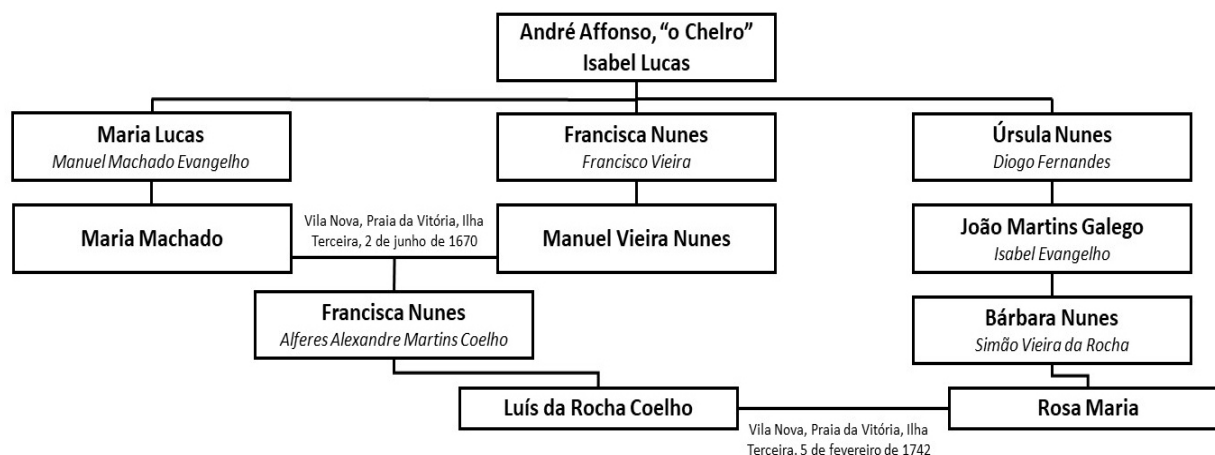


REGISTRO DE BATISMO
SALVADOR LUCAS

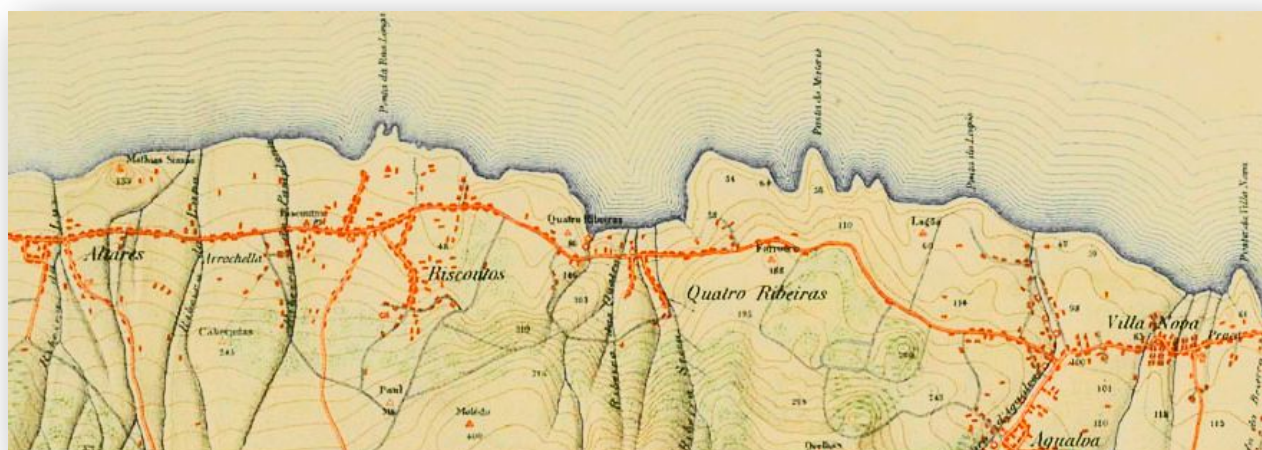
Igreja Paroquial de Santa Bárbara das
Nove Ribeiras, Diocese de Angra do
Heroísmo, Ilha Terceira, Açores, Portugal.
6 de abril de 1550

⁹ Cf. MENDES E FORJAZ. *Genealogias da Ilha Terceira*. Lisboa, Portugal: DisLivro Histórica, 2007-2011.

¹⁰ Os Visigodos governaram a Península Ibérica, desde os tempos dos romanos.



Luís da Rocha Coelho e Rosa Maria [Nunes] casaram-se na igreja paroquial de Vila Nova em 5 de fevereiro de 1742, em ato ministrado pelo vigário Manoel de Sousa e Meneses, que realizara o pedobatismo de ambos. Eles compartilhavam ampla ancestralidade, por serem “parentes em terceiro e quarto graus, por uma parte, e em quarto grau, por outra”. Através de suas mães, respectivamente Francisca e Bárbara Nunes, ambos descendiam das famílias Lucas e Aguiar.



“Entre Altares e Vila Nova”. 1899. Recorte de: “Açôres. Carta Chorographica da Ilha Terceira. Levantada pela Direcção Geral dos Trabalhadores Geodésicos”.

Após trinta e oito anos de vida conjugal, Rosa Maria [Nunes] faleceu em 17 de maio de 1780. Informa-se que “seu corpo foi envolto em hábito seráfico de São Francisco, e acompanhado com o Colégio e Cruzes” da freguesia do Divino Espírito Santo de Vila Nova, além de “seis clérigos de fora”. O funeral contou com a *Irmadade da Ordem Terceira*, da qual a finada era “irmã”. Em “ofício de corpo presente”, ela foi sepultada “na Capela de Nossa Senhora do Rosário” daquela freguesia, em “sepultura da Fábrica”.

Após oito anos e meio de viuvez, Luís da Rocha Coelho faleceu no domingo 30 de novembro de 1788. Ele foi sepultado em Vila Nova “em sepultura própria, envolto seu corpo em hábito do seráfico padre São Francisco, e acompanhado à sepultura pelo Colégio e Cruzes” da igreja paroquial bem como “outros clérigos, e pela *communio* da Venerável *Ordem Terceira* da qual era confrade.”

EM SÃO ROQUE DOS ALTARES

Ao noroeste da ilha, e distando quatorze quilômetros de Vila Nova, **Altares** é uma freguesia rural do concelho de Angra do Heroísmo. Confinar-se ao leste com a freguesia dos Biscoitos, já no concelho da Praia da Vitória; ao sudoeste, ao longo dos bordos da *Caldeira de Santa Bárbara* (parte da freguesia), confina-se com as restantes freguesias do oeste da Terceira. O território altarense situa-se numa região de boas terras agrícolas, outrora grandes produtoras de trigo e pastel. O território “sobe em anfiteatro a partir da costa, primeiro de forma relativamente suave, mas atingindo declives acentuados nas altas vertentes da Serra de Santa Bárbara, onde nascem as ribeiras dos Gatos, de São Roque, das Lajinhas, da Lapa e do Pamplona.”¹²

Altares é uma das mais antigas freguesias da ilha. Não se conhece a data de elevação da paróquia, conquanto se saiba que foi anterior a 1480, visto que naquele ano já se contava com um pároco. Os limites da paróquia eram relativamente indefinidos, mas incluíam todo o noroeste da Terceira, desde o então lugar da *Fajã* (no atual território da freguesia da Serreta) até ao lugar da Ponta Negra, incluindo, pois, parte do que hoje pertence ao território da vizinha freguesia dos Biscoitos.

O antigo nome da freguesia era *São Roque dos Altares*. O centro da freguesia, com a sua igreja paroquial, instalou-se nas margens da ribeira de São Roque. A primitiva construção da igreja remonta ao século quinze, em data anterior a 1480. O primitivo templo foi posteriormente destruído por terremoto, e o atual é resultante de várias reconstruções e remodelações. No seu adro encontra-se inscrita a data de 1536, quando chegaram a termo algumas das obras conclusivas.¹³

Durante as *Guerras Liberais* em Portugal, a freguesia dos Altares foi uma das que ofereceram maior resistência às ideias liberais. Liderados pelo seu pároco, os altarense (bem como, de forma geral, a população rural da Terceira) eram claramente favoráveis ao absolutismo. Em 2 outubro de 1828 armou-se um amotinado exército regional, formando resistência, a qual foi debelada no combate do Pico do Seleiro a 4 de outubro de 1828, também referido como *Batalha do Pico do Seleiro*, entre forças liberais e absolutistas, com a vitória das primeiras.¹⁴ Este tem sido considerado o combate terrestre mais importante do período na ilha.

O ápice populacional da freguesia de Altares deu-se pelo fim do terceiro quartel do século dezenove, e desde então a população do lugar sofreu redução. A evolução da freguesia dos Altares foi desde cedo marcada pela emigração, primeiro para o Brasil, depois para os Estados Unidos da América e finalmente para o Canadá. Ao longo do século vinte, a população da freguesia veio sendo controlada pelas políticas de imigração dos Estados Unidos.



2. Filho primogênito de Luís da Rocha Coelho e Rosa Maria [Nunes], **João da Rocha Coelho** nasceu em 10 de dezembro de 1742, em Vila Nova, tendo sido batizado no dia dezessete seguinte na igreja paroquial. Ele foi batizado pelo pároco Manoel de Sousa e Meneses, o mesmo que batizara e casara os seus pais. O padrinho

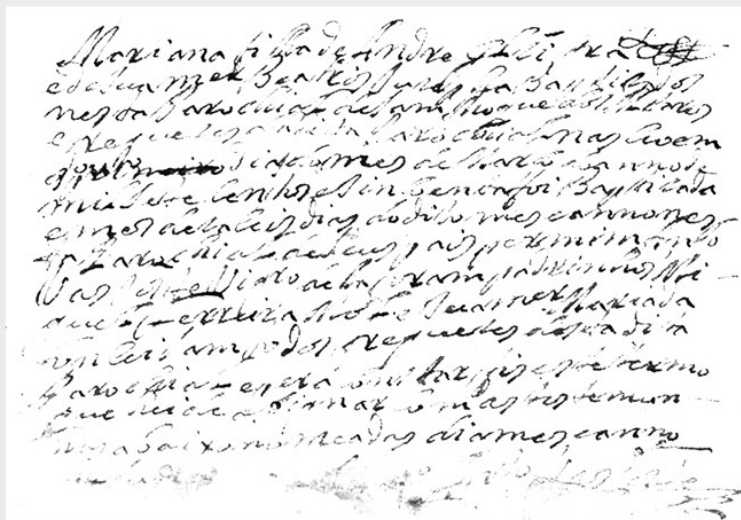
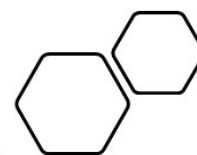
¹² Cf. verbete introdutório: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Altares> [Acesso em 03/11/2020]

¹³ Cf. verbete introdutório: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_S%C3%A3o_Roque_\(Altares\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_S%C3%A3o_Roque_(Altares)) [Acesso em 03/11/2020]

¹⁴ Cf. verbete introdutório: https://pt.wikipedia.org/wiki/Combate_do_Pico_do_Seleiro [Acesso em 03/11/2020]

foi o tio materno, Lázaro Nunes [Vieira]; a madrinha foi Maria Perpétua, filha de Domingos Gonçalves Cardoso. Os padrinhos eram paroquianos em Vila Nova.

Marianna Josefa [Mello Ferreira] nasceu em Altares, em 8 de março de 1750, tendo sido batizada na igreja paroquial no dia dezesseis seguinte. Era filha de André Gonçalves Ferreira e Beatriz Josepha da Encarnação, ambos naturais de Altares, os quais, por sua vez, haviam se casado na igreja paroquial de São Roque em 31 de julho de 1740. *Ferreira* era o sobrenome do avô paterno de Marianna; o avô materno, por sua vez, tinha o sobrenome *Machado* (de uma antiga e pioneira família na Ilha Terceira), e *Mello* era o sobrenome da avó materna. Quando Marianna foi batizada, os padrinhos foram Miguel Ferreira, da família paterna, e sua esposa, Maria da Conceição, paroquianos em Altares.

REGISTRO DE BATISMO
MARIANNA JOSEFA [MELLO FERREIRA]
 Nascimento: 8 de março de 1750
 Igreja Paroquial de São Roque dos
 Altares, Diocese de Angra do Heroísmo,
 Ilha Terceira, Açores, Portugal.
 16 de março de 1750

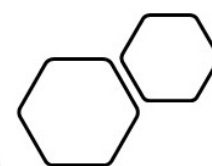
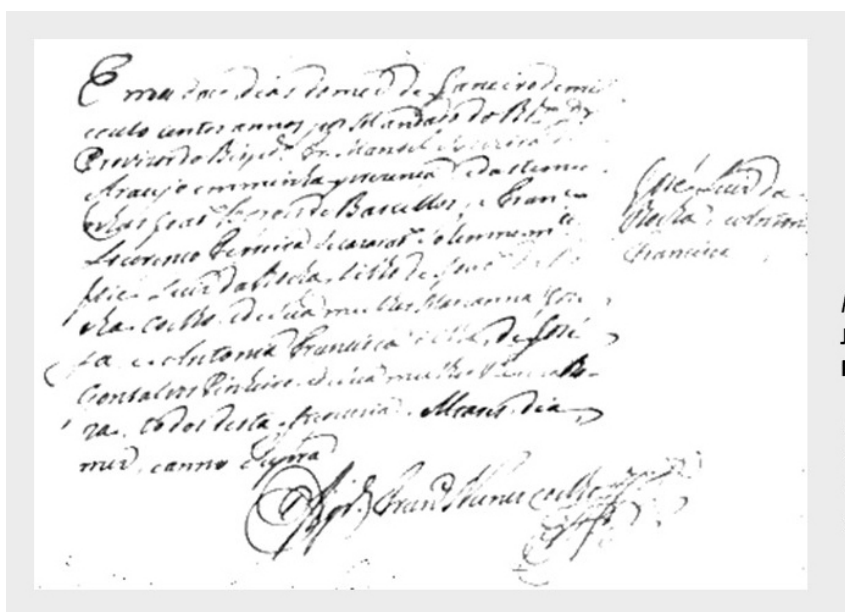
João da Rocha Coelho casou-se em Altares, lugar da família de seu avô paterno, com Marianna Josefa. Eles foram “desobrigados da quaresma próxima passada” por meio de um alvará do cônego da Sé de Angra, e casaram-se na igreja paroquial de São Roque dos Altares na manhã dominical de 4 de novembro de 1770. Tendo um parentesco em quarto grau, João da Rocha Coelho e Marianna Josefa receberam a licença do bispo para contraírem matrimônio. As testemunhas foram os clérigos João Borges Tristão e João das Neves de Azevedo. O ato foi celebrado pelo pároco José Coelho Velho. João da Rocha Coelho e Marianna Josefa tornaram-se paroquianos (“fregueses”) em São Roque dos Altares.

Com apenas onze anos de vida conjugal, e dias após completar trinta e nove anos de idade, João da Rocha Coelho faleceu em Altares, aos 24 de dezembro de 1781, tendo sido sepultado na igreja paroquial. Após uma viuvez de quase trinta e cinco anos, Marianna Josefa [Mello Ferreira] faleceu na segunda-feira 4 de novembro de 1816, tendo sido, igualmente, sepultada na igreja paroquial de São Roque.

3. José Luís da Rocha, o qual recebeu o mesmo nome de um tio paterno, era filho de João da Rocha Coelho e Marianna Josefa [Mello Ferreira]. Ele nasceu em Altares aos 25 de julho de 1771, tendo sido batizado na igreja paroquial no dia quatro de agosto seguinte. Foi batizado pelo vigário João Borges Tristão, e o padrinho foi o tio paterno (de quem o batizando recebeu igual nome) e sua mulher, Rosa Maria, ambos da freguesia de Vila Nova.

Antônia Francisca [Pinheiro] nasceu em Altares, em 13 de dezembro de 1770, tendo sido batizada na igreja paroquial no dia vinte e três seguinte. Ela foi batizada pelo pároco José Coelho Velho; o padrinho foi o tio paterno, Francisco Gonçalves Pinheiro; a madrinha foi a tia materna Antônia Francisca, de quem recebeu o nome.

Antônia Francisca [Pinheiro] era filha de José Gonçalves Pinheiro e Thereza Rosa de Jesus, os quais, por sua vez, haviam se casado em Altares em 27 de setembro de 1767. Os avós e bisavós de Antônia Francisca eram altarenses, em cuja freguesia também se casaram. Como se pode observar, *Pinheiro* era o sobrenome da antiga família de seu pai; a avó materna de Antônia Francisca descendia da família Aguiar Fagundes, com ancestralidade na freguesia do “Arcanjo São Miguel das Lajes”¹⁵, e que retrocedia, em seus primórdios, a João Aguiar, já anteriormente referido (cf. 1). Por outro lado, a família da avó materna descendia do clã Coelho, sobrenome dos mais antigos e comuns em Altares.



**REGISTRO DE CASAMENTO
JOSÉ LUÍS DA ROCHA E ANTÔNIA
FRANCISCA [PINHEIRO]**

Igreja Paroquial de São Roque, Freguesia
de Altares, Diocese de Angra do Heroísmo,
Ilha Terceira, Açores, Portugal.

12 de janeiro de 1800

José Luís da Rocha e Antônia Francisca [Pinheiro] casaram-se na igreja paroquial de São Roque em 12 de janeiro de 1800. O ato foi celebrado pelo vigário Francisco Nunes Coelho; as testemunhas foram o tio materno, João Borges de Barcellos, e Franco Lourenço Ferreira. José Luís da Rocha e Antônia Francisca foram paroquianos em Altares.

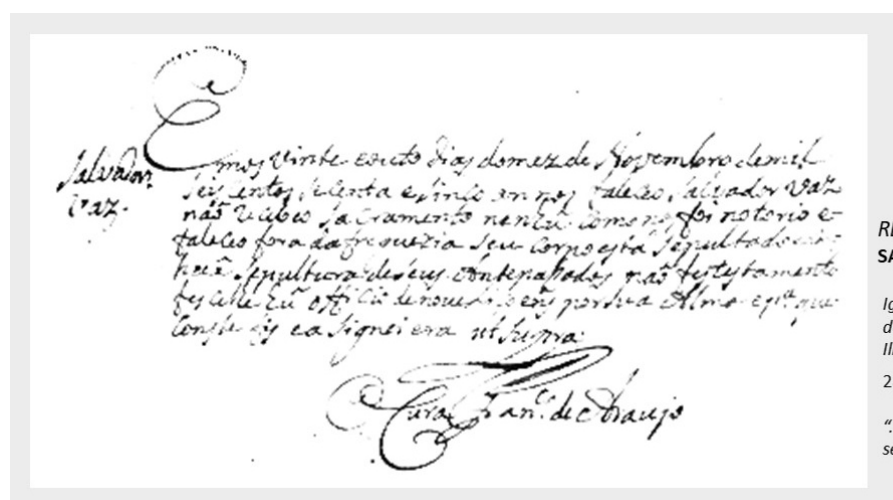
Com apenas cinco anos de vida conjugal e trinta quatro anos de idade, Antônia Francisca [Pinheiro] faleceu em Altares aos 27 de abril de 1805, tendo sido sepultada na igreja paroquial. Passados mais de sete anos, José Luís da Rocha contraiu novas núpcias com Maria Joaquina, filha de Agostinho Borges da Rocha e Izabel de Jesus, já sepultados na freguesia. O casamento deu-se em Altares aos 22 de novembro de 1812, e os nubentes eram parentes em quarto grau. Foram padrinhos o vigário Manoel Joaquim da Costa e o padre Sebastião Machado de Barcellos. Na sexta-feira 30 de outubro de 1857 faleceu José Luís da Rocha, após receber “todos os sacramentos necessários aos enfermos”, tendo sido “acompanhado à sepultura pelo reverendíssimo colégio e cruzeiros” da igreja paroquial, tendo sido sepultado no cemitério da freguesia.

¹⁵ *Lajes* é a freguesia no Concelho de Praia da Vitória, vizinha de Vila Nova, onde atualmente se encontra uma base aérea norte-americana, e na qual se localiza o aeroporto da Ilha Terceira. A povoação foi fundada em 1564, tendo como orago *São Miguel Arcanjo*. Ali se celebram, de longa data, as festividades do “Divino Espírito Santo”, orago da vizinha Vila Nova. O sobrenome “Espírito Santo” tornou-se comum na região.

4. Um pouco mais de nove meses após o casamento de José Luís da Rocha e Antônia Francisca, o casal teve a sua primeira filha, a qual recebeu o mesmo nome da avó materna. **Marianna Josefa [Pinheiro da Rocha]** nasceu em Altares, aos 6 de novembro de 1800, tendo sido batizada na igreja paroquial no dia onze seguinte. Ela foi batizada pelo cura da freguesia, Francisco Coelho Velho. Os padrinhos foram “seu tio Silvestre Romeiro e sua mulher, Rosa Maria, todos moradores e fregueses” em São Roque dos Altares. Marianna Josefa perdeu a mãe com apenas quatro anos, e crê-se que, então, os avós maternos, da família Pinheiro, tenham tido maior influência na criação da menina, especialmente no período de viuvez do pai.

João Coelho Vaz da Costa nasceu em Altares aos 7 de setembro de 1795, tendo sido batizado na igreja paroquial no dia dezessete seguinte. Ele era filho de Matheus Coelho Vaz da Costa e Catharina de Jesus [Trindade Loureiro], os quais casaram-se em Altares em 20 de julho de 1783, onde foram lavradores. João Coelho Vaz da Costa foi batizado pelo vigário Francisco Nunes Coelho. Os padrinhos foram “Antônio Caetano Souza e sua mulher, Rosa Joaquina”, moradores na freguesia de Altares.

Através da família de João Coelho Vaz da Costa, as próximas gerações da família, inclusive as que emigraram para o Brasil, encontrarão a sua ancestralidade patronímica. Os seus ancestrais, com documentação verificável até ao seu tetravô, tiveram, em Altares, o sobrenome Vaz da Costa, que ali se tornou muito proeminente.¹⁶ Com documentação identificada, são conhecidos ancestrais altarenses de João Coelho Vaz da Costa no início do século dezessete, assim como ancestrais na Sé de Angra no século dezesseis. Entre os ancestrais de sua avó materna também estava a família Aguiar, anteriormente referida (cf. 1). João Coelho, fidalgo, nascido em Guimarães entre 1435 e 1445, veio para a ilha Terceira com o primeiro capitão donatário, Jácome de Bruges,¹⁷



REGISTRO DE ÓBITO
SALVADOR VAZ DA COSTA

Igreja Paroquial de São Roque, Freguesia de Altares, Diocese de Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Açores, Portugal.

28 de novembro de 1665

“... Seu corpo está sepultado em uma sepultura de seus antepassados.”

João Coelho Vaz da Costa e Marianna Josefa [Pinheiro da Rocha] casaram-se na igreja paroquial de São Roque dos Altares, na manhã dominical de 26 de novembro de 1820, em cerimônia conduzida pelo vigário Antônio Pedro Godinho. Tal qual seu pai, ele foi lavrador.

João Coelho Vaz da Costa faleceu em Altares, aos oitenta e um anos, às dezessete horas de 16 de março de 1876, deixando doze filhos. Após doze anos de viuvez, Marianna Josefa faleceu aos oitenta e sete

¹⁶ O sobrenome *Vaz da Costa* passará ao Brasil, dando origem a algumas numerosas famílias.

¹⁷ Segundo Forjaz & Mendes, em sua obra *Genealogias da Ilha Terceira*, João Coelho, fidalgo, nascido em Guimarães entre 1435 e 1445, c.c. Catarina Rodrigues da Costa, veio para a ilha Terceira com o primeiro capitão donatário Jácome de Bruges, instalando-se no Porto Judeu. Segundo consta, viajou para as Antilhas antes de Colombo, entre 1475 e 1484, onde terá morrido.

anos¹⁸, igualmente em Altares, por volta das três horas da madrugada de 26 de julho de 1888, em “uma casa sem número do Outeiro de São Mateus”. Quando faleceu, deixou dez filhos. O casal foi sepultado no Cemitério Público de Altares.

EM ITAOCARA, NOROESTE FLUMINENSE

Durante o império brasileiro, ao noroeste do estado do Rio de Janeiro, o antigo *Curato de São José de Leonissa da Aldeia da Pedra*, que era filial da Matriz de São Fidélis, obteve foros de freguesia em 1850. A freguesia estivera integrada ao ciclo do café no Vale do Paraíba, e, na segunda metade do século dezenove, experimentava algum progresso. A freguesia era parte integrante do município de Campos¹⁹, passando posteriormente a São Fidélis, e, finalmente, tornando-se o município de Itaocara em 1890. Este nome indígena tem relação com *Aldeia de Pedra*, em referência ao penhasco existente na outra margem do Rio Paraíba do Sul.

A ferrovia original da região, denominada *Ramal Férreo do Cantagalo*, teve a estação de *São José de Leonissa* aberta em 1882, em frente à barra do rio Pombo, no rio Paraíba do Sul, tornando-se a estação o ponto terminal da linha. Integrado pela base econômica agrícola, favorecido pela bacia hídrica e rede pluvial do Paraíba do Sul, e interligado por linha férrea, o (atual) município de Itaocara recebeu significativa mão de obra de imigrantes de diferentes origens, e dentre estes muitos portugueses em geral, e açorianos em particular.²⁰

5. José Coelho Pinheiro da Costa nasceu na freguesia de Altares, no Concelho de Angra de Heroísmo, na Ilha Terceira, arquipélago dos Açores, em 31 de janeiro de 1833, tendo sido batizado na igreja paroquial de São Roque aos dezessete de fevereiro seguinte. Ele foi batizado pelo vigário Manoel Sebastião; os padrinhos foram José da Rocha (de quem o batizando recebeu o nome) e Izabel Felícia”, filha dos já falecidos Agostinho Borges e sua mulher, Izabel Ignácia.

José Coelho Pinheiro da Costa era filho de João Coelho Vaz da Costa e Marianna Josefa [Pinheiro da Rocha]. Os três sobrenomes que carregava tinham larga ancestralidade em Altares: *Coelho* era sobrenome presente sobretudo na família do pai (de cujo nome constava), mas também na família da mãe; *Pinheiro* era o sobrenome da família da avó materna; e *Costa* era sobrenome da família do pai, documentado por diversas gerações.

Maria de Jesus [Coelho], nascida em Altares em 1 de novembro de 1845, foi batizada no dia nove seguinte na igreja paroquial de São Roque. Ela foi batizada pelo vigário João José da Silveira e teve como padrinhos Sebastião Machado “e sua sobrinha, Maria Escolástica, filha de Francisco Gonçalves Duarte e de sua mulher, Luíza Engrácia do Coração de Jesus”, paroquianos em Altares.

Maria de Jesus era filha de José Martins Coelho e Antônia da Trindade, altarenses, os quais, por sua vez, haviam se casado na igreja paroquial à tarde da quinta-feira 26 de setembro de 1833. A família paterna de Maria de Jesus tinha, por algumas gerações, o sobrenome *Martins Coelho*, o qual resultara do casamento de seus tetravós; a família materna, por sua vez, ramificava-se nos sobrenomes *Esteves Franco* e *Coelho de*

¹⁸ Por ocasião do óbito declarou-se a idade de noventa e um anos.

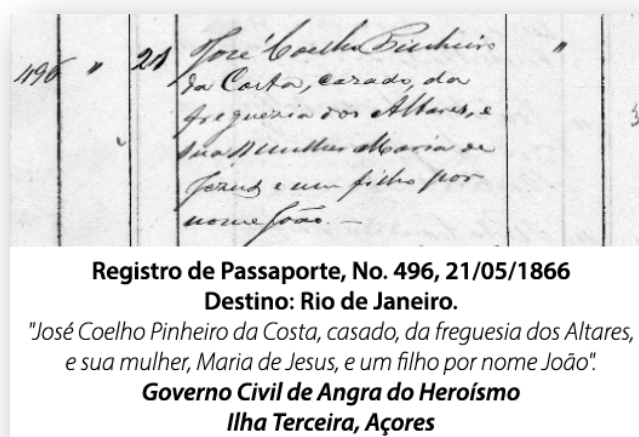
¹⁹ Atualmente, Campos dos Goitacazes, RJ.

²⁰ Para uma introdução à imigração açoriana para o ciclo cafeeiro, cf. SANTOS, Gilson. *A Família Açoriana Rocha Borba; Um Trajeto Histórico Genealógico*. Online: <https://wp.me/p2loMO-44Y> [Acesso em 03/11/2020]

Ornellas. Maria de Jesus Coelho tinha como ancestrais os *Borges* e os *Machados*.²¹ Os Machados estão entre os primeiros povoadores da Ilha Terceira.

O casamento de José Coelho Pinheiro da Costa e Maria de Jesus aconteceu na paróquia de São Roque, em 27 de outubro de 1864. Ambos eram solteiros e as idades declaradas foram: ele com trinta e um anos e ela com dezenove anos. O casamento foi celebrado pelo cura paroquial Augusto Borges Pinheiro; as testemunhas foram Manoel Machado Pereira e João Borges Tristão, “ambos proprietários e morados na freguesia de Altares”. O contraente assinou o termo de casamento, assim como os dois padrinhos; a nubente e as madrinhas não assinaram, pois se declara que não sabiam escrever.

José Coelho Pinheiro da Costa e Maria de Jesus [Coelho] obtiveram o passaporte no Governo Civil de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, em 21 de maio de 1866, com destino ao Rio de Janeiro.²² O casal veio para o Brasil com dois filhos menores: (1) João Coelho da Rocha, nascido por volta das dez horas da manhã de 31 de março de 1865, e batizado no dia 15 de abril seguinte, na freguesia de Altares. O menino foi referido na concessão do passaporte como “filho por nome João”, e contava, pois, com um pouco mais de um ano. (2) Marianna Augusta, nascida na freguesia de São Roque dos Altares, por volta das seis horas da manhã de 30 de abril de 1866, tendo sido batizada em 10 de maio seguinte, quando recebeu o mesmo nome de sua madrinha, Marianna Júlia, e de sua avó paterna. Ela teria vindo para o Brasil dias após ser batizada em Altares.²³



O casal veio a se estabelecer na freguesia de São José de Leonissa, atual município de Itaocara. Sabe-se que muitos açorianos já estavam na região, inclusive alguns familiares do casal, embora não se possa precisar exatamente todos os vínculos de parentesco. Além do casal de filhos nascido em Altares, tem-se conhecimento de, pelo menos, mais oito filhos nascidos no (atual) município de Itaocara. Os filhos homens tornaram-se conhecidos pelo sobrenome *Coelho da Rocha*; as mulheres receberam “Augusta” como segundo nome, ao qual, geralmente, se acrescentou apenas o Rocha.

O casal José Coelho Pinheiro da Costa e Maria de Jesus será padrinho de batismo de um dos seus netos, José Augusto dos Santos, nascido às onze horas da manhã da sexta-feira 2 de maio de 1890²⁴, em São José de Leonissa, à época no município e comarca de São Fidélis. Com cento e quatorze dias de nascido, o

²¹ Gonçalo Anes da Fonseca, nascido em Lagos, Algarve, fidalgo da Casa Real, foi um dos primeiros povoadores da Ilha Terceira, c. c. Mécia de Andrade **Machado**. Gregório **Borges**, fidalgo de cota de armas, veio para a Ilha Terceira no início do século XVI, c.c. Beatriz Homem Valadão. Cf. Forjas & Mendes, *Genealogias da Ilha Terceira*.

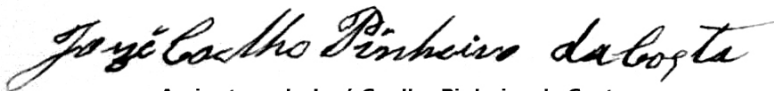
²² Governo Civil de Angra do Heroísmo, 21/05/1866, Nº 496. Destino: Rio de Janeiro. “José Coelho Pinheiro da Costa, casado, da freguesia dos Altares, e sua mulher Maria de Jesus e um filho por nome João”.

²³ Mariana Augusta [Coelho da Rocha], com apenas vinte e um dias de nascida, não consta do registro de concessão de passaporte.

²⁴ Como ocorreu após a Proclamação da República no Brasil, o nascimento foi também registrado em Cartório de Registro Civil; a data de nascimento informada ao tabelião é inteiramente idêntica à oferecida na paróquia. Observe-se, porém, que na lápide do túmulo no cemitério de Penedo, município de São Fidélis, é indicada a data de 02/05/1888 como a do nascimento dele. Por vezes também o ano de 1889 tem sido indicado. Porém, a data de 1890 é a fornecida em certidão pelo cartório em Itaocara, verificada *in loco* no livro da paróquia, e confirmada por outros registros importantes. Além disso, é a data que melhor se coaduna com a do casamento de seus pais em 15/06/1889, e com a dos nascimentos dos irmãos que se seguiram.

menino recebeu na igreja paroquial, por meio do vigário José Joaquim Pereira de Carvalho, o pedobatismo católico em 24 de agosto daquele ano.

José Coelho Pinheiro da Costa faleceu entre 1905 e 1906²⁵, embora ainda não se saiba a data exata.²⁶ A viúva, Maria de Jesus, faleceu em 4 de dezembro de 1927, às vinte e uma horas, em Portela, Itaocara. Foi declarante do óbito o neto José Rosendo do Nascimento, e a idade declarada para ela foi oitenta e um anos.²⁷ Ela foi sepultada no cemitério municipal de Portela. Segundo informação recebida por testemunho oral, a senhora Maria de Jesus Coelho, quando faleceu, já contava com cento e quinze pessoas em sua descendência. Este casal lusitano, procedente de uma das nove ilhas do arquipélago de Açores, deu origem a um numeroso clã majoritariamente brasileiro e, de início, expressivamente feminino.



Assinatura de José Coelho Pinheiro da Costa
Itaocara, RJ, 15 de junho de 1889, dia do casamento de sua filha,
Joaquina Augusta, com César Ribeiro dos Santos

A VILA DE PORTELA

Uma lei provincial de 1885 autorizou o prolongamento do Ramal Férreo de Cantagalo, de Itaocara até o ponto da margem do Paraíba, no lugar denominado “Barbado”, hoje Portela, fronteiro à estação de *Três Irmãos*, da outra linha férrea, a *Estrada de Ferro Santo Antônio de Pádua*, localizada na margem oposta do rio. Em 1888, os contratos do Ramal Férreo do Cantagalo foram transferidos para a *Estrada de Ferro Macaé-Campos*, que, posteriormente, em 12 de março de 1890, inaugurou o trecho entre Itaocara e Portela. Esta última estação, ao redor da qual nasceu a vila de igual nome, recebeu este nome como uma homenagem do Conde de Nova Friburgo a Francisco Portela (1833—1913), médico e político brasileiro que foi governador do estado do Rio de Janeiro entre 1889 e 1891.²⁸

Em 1890 a *Leopoldina Railway* era dona de todo o trecho do antigo Ramal Férreo do Cantagalo, com os seus setenta e sete quilômetros, e passou a utilizar para o mesmo o termo “*Linha do Cantagalo*”. Com a possibilidade de se chegar pela linha férrea até Niterói, e interligando-se com a região serrana, a linha encontrou em Portela a sua última estação. Aqui, atravessando-se o Rio Paraíba por balsa ou canoa, chegava-se à margem esquerda do rio, na recém instituída vila de Três Irmãos²⁹, onde era possível acessar a outra linha férrea, a qual oferecia acesso, pela direção da Zona da Mata mineira, às imediatas estações de Santo Antônio de Pádua e Miracema, e pela direção do litoral, às estações de São Fidélis e Campos dos Goytacazes.

Como assinalado, ao redor da estação foi se formando um povoado. Em 8 de abril de 1890, em face da existência da via férrea, foi criada em Portela a agência dos Correios, instalada a sede em 15 de agosto de 1891. Em 9 de setembro de 1890 fora criado o distrito de Três Irmãos, confirmado pela deliberação de 4

²⁵ Ele estava vivo por ocasião do casamento de sua filha, Balbina Augusta, em 28/06/1902 e já era falecido por ocasião do casamento de sua filha Anna Augusta (“Sinhana”) em 20/02/1907. Além disso, é possível delimitar este período a partir de informações constantes em certidões de netos.

²⁶ “José Coelho” e Maria de Jesus, em 18 de fevereiro de 1893, venderam um sítio em Itaocara, denominado “São José”, para José Ribeiro dos Santos, irmão de César Ribeiro dos Santos.

²⁷ Em rigor, ela completara 82 anos em primeiro de novembro daquele ano.

²⁸ Cf. verbete introdutório online: https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Portela [Acesso 24/10/2020].

²⁹ Em 9/9/1890 foi criado o distrito de *Três Irmãos*, confirmado pela deliberação de 4 de setembro do ano seguinte, como o 3º. em *São José de Leonissa* (futura Itaocara, Rio de Janeiro). Inicialmente, *Portela* pertencia ao distrito de *Três Irmãos*.

de setembro do ano seguinte, como o terceiro em São José de Leonissa. De início, a região do atual distrito de Portela pertencia ao distrito de Três Irmãos.

Desde que foi inaugurada a estação de Portela, foi se configurando uma característica dinâmica do povo da futura vila, a qual surgiu da iniciativa privada, e que se tornou, no fim do século dezenove e início do século vinte, significativamente próspera, sede de importantes instituições e com variados recursos, inclusive culturais. Localizada em uma ampla região cuja base econômica ainda era o café, Portela tornou-se muito movimentada. Em 9 de novembro de 1915, a sede do distrito foi transferida de Três Irmãos para a nova vila, a qual passou a ser o terceiro distrito de Itaocara até o dia de hoje. Sediado o distrito em Portela, a ele passou a pertencer a antiga vila de Três Irmãos.³⁰



6. Joaquina Augusta [Coelho da Rocha] nasceu no lugar de “Água Preta”, na freguesia de São José de Leonissa, em 21 de junho de 1873³¹. O nome, Joaquina Augusta, é o mesmo de uma de suas tias maternas em Altares³² – ela e suas irmãs receberam “Augusta” como segundo nome. Segue a transcrição do registro de seu pedobatismo católico romano:

Aos quatorze de setembro de mil oitocentos e setenta e três, nesta freguesia, o Padre Francisco José Pimenta, de licença minha, batizou a inocente Joaquina, nascida a

³⁰ O distrito de Três Irmãos será, posteriormente, anexado ao vizinho município de Cambuci.

³¹ As informações orais em círculos intrafamiliares indicam a data de 22/06/1873, isto é, um dia após a referida no batismo. Em alguns documentos consta a data de nascimento de 22/06/1880; em outros documentos, consta o ano de 1879. Porém, essas datas não se harmonizam com a data de seu casamento, e nem com a idade declarada em seu falecimento. A data a ser privilegiada deve ser a informada por ocasião do seu batismo católico.

³² Joaquina Augusta, filha de José Martins Coelho e Antônia da Trindade, casou-se com José Maria Coelho Baptista. Faleceu aos trinta e dois anos, em Altares, em 12 de fevereiro de 1882. Deixou dois filhos e foi sepultada no Cemitério Público de Altares.

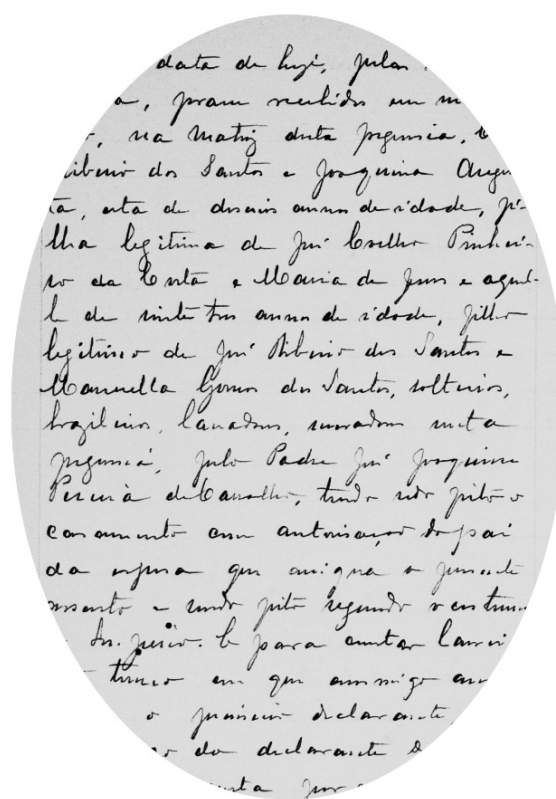
vinte e um de junho do corrente ano, filha legítima de José Coelho Pinheiro da Costa e Maria de Jesus. Padrinhos: João Coelho Paes da Costa e Dona Antônia Pires Guimarães. E para constar, assino o presente. O vigário José Joaquim Pereira de Carvalho.³³

O sacerdote católico que batizou Joaquina Augusta foi o mesmo que batizara a outros do círculo familiar, o que parece indicar alguma proximidade, seja familiar ou geográfica. O nome do padrinho foi grafado errado. Trata-se de João Coelho Vaz da Costa. Este é o nome tanto do avô paterno bem como de um tio paterno que também veio para o Brasil; os fatos apontam para o segundo.

César Ribeiro dos Santos nasceu em 11 de fevereiro de 1867 na freguesia de São José de Leonissa, tendo sido batizado na igreja paroquial aos 10 de abril seguinte pelo vigário José Joaquim Pereira de Carvalho.³⁴ Foram padrinhos os avós maternos, Manoel José Gomes e Ricarda Cordeiro de [Azeredo] Resende, os quais, por sua vez, casaram-se na igreja paroquial do Santíssimo Sacramento, em Cantagalo (à época a única freguesia da região), na quarta-feira 1 de outubro de 1834.

César, que recebeu o nome de um tio materno, era o filho primogênito do português José Ribeiro dos Santos, este nascido na freguesia de Aoadela, no Concelho de Amarante, ao norte de Portugal. Cesar e seus onze irmãos receberam os sobrenomes “Ribeiro” e “Santos”, ambos vindos dos ancestrais paternos portugueses. A mãe de César foi Manoela Gomes de Azeredo, fluminense, natural de Santa Rita do Rio Negro (atual Euclidelândia), no município de Cantagalo, e descendente de família radicada no Brasil desde o início da colonização. Os pais de César, José Ribeiro dos Santos e Manoela Gomes de Azeredo, casaram-se na igreja paroquial de São José de Leonissa no sábado 21 de abril de 1866.

Ambos itaocarenses, César Ribeiro dos Santos e Joaquina Augusta [Coelho da Rocha] casaram-se às nove horas da manhã do sábado 15 de junho de 1889, na igreja matriz da paróquia de São José de Leonissa³⁵, com as seguintes idades declaradas: ele com vinte e três anos e ela com dezesseis anos. A assinatura dele consta do termo de casamento. Informa-se que ela não sabia assinar, e visto ser menor de idade, a assinatura de seu pai consta do termo. O casamento foi celebrado pelo vigário José Joaquim Pereira de Carvalho, o mesmo que batizara a ambos, e que celebrara o casamento dos pais do contraente. Entre os presentes que assinaram o termo estava João Coelho de Ornellas.



REGISTRO DE CASAMENTO (Recorte em Elipse)
CÉSAR RIBEIRO DOS SANTOS (1867-1905)
E JOAQUINA AUGUSTA [COELHO DA ROCHA] (1873-1969)
Freguesia de São José de Leonissa, 15 de junho de 1889

³³ Livro B-4, folha 204 verso. Freguesia de São José de Leonissa, Itaocara, RJ.

³⁴ Livro B-4, folha 49 verso. Freguesia de São José de Leonissa, Itaocara, RJ.

³⁵ É comum a grafia arcaica *Cezar* Ribeiro dos Santos em diversos documentos. O nome *César* tornou-se muitíssimo comum entre os descendentes.

O casal César Ribeiro dos Santos e Joaquina Augusta dos Santos estabeleceu-se no distrito itaocarense de Três Irmãos (conquanto na margem direita do Rio Paraíba, no território que será posteriormente o distrito de Portela) no lugar denominado Valão do Papagaio, onde ele foi lavrador. O casal teve oito filhos, nascidos naquele lugar entre 1890 e 1905. Os rapazes receberam “Augusto” como segundo nome e as moças, “Augusta”. O segundo filho faleceu com apenas alguns meses; os demais constituíram família.

A despeito do quadro econômico da região experimentar um bom progresso, no lugar do Valão do Papagaio, que distava um pouco menos de quatro quilômetros da estação, no âmbito específico do núcleo familiar de César e Joaquina Augusta,

a realidade se tornaria muitíssimo desafiante. Na madrugada da segunda-feira 22 de maio de 1905³⁶, depois de experimentar dificuldades na saúde por conta da febre amarela, deu-se o falecimento



Assinatura de Cezar Ribeiro dos Santos
Itaocara, RJ, 15 de junho de 1889, dia de seu casamento.

de César Ribeiro dos Santos. Ele faleceu aos trinta e oito anos, em sua residência, e foi sepultado em Portela, onde a prefeitura municipal concedeu um jazigo perpétuo. Joaquina Augusta estava para completar trinta e dois anos quando o esposo faleceu. O filho primogênito acabara de completar quinze anos; o penúltimo filho ainda não completara três anos; e a filha caçula, pelo que consta, tinha apenas três meses. As condições da família já não eram fáceis; a partir de então a realidade da viúva com os seus sete filhos se tornaria ainda muito mais difícil. Em sua terra natal, os rapazes receberam o apelido “César”, nome de seu pai, e assim tornaram-se conhecidos, embora não o tivessem oficialmente.

*“Meu jacarandá, meu jacarandá, meu mundo é tão triste do lado de cá”.*³⁷

Com este contexto configurado, as relações dos sete filhos de Joaquina, pelo que se sabe, tornaram-se mais próximas dos familiares da mãe. Tome-se em consideração que os filhos de Joaquina não conviveram com os avós paternos.³⁸ Deve-se considerar, ainda, que tanto o pai quanto o esposo de Joaquina faleceram pela mesma época... Dentre os familiares da viúva Joaquina, sabe-se que José Rosendo do Nascimento, “Rosendo”, que se casara com Marianna Augusta, a irmã açoriana, tornou-se um tio próximo da família.

A viúva Joaquina não se casou novamente; teve uma viuvez de sessenta e quatro anos! Os filhos foram criados em meio a lutas e dificuldades. Aprenderam desde cedo a dureza da vida, acostumados ao trabalho pesado da lida no campo, em uma época de recursos limitados. Logo tornaram-se pessoas fortes e independentes, que buscaram, com sacrifício, abrir a sua estrada sob a mercê e graça de Deus.

³⁶ Em diversos documentos consta a data de 22/04/1905, um mês antes da indicada, como a do falecimento de Cesar Ribeiro dos Santos. Porém, esta data parece ter sido estimada posteriormente, e transmitida por tradição oral. A data do mês de maio é a que consta do óbito registrado em cartório. Algumas informações davam-lhe a idade de 35/36 anos por ocasião de seu falecimento.

³⁷ Extraído de “Jacarandá”, canção sertaneja de autoria de José Fortuna (1923-1983).

³⁸ José Ribeiro dos Santos, o sogro de Joaquina, faleceu quando o seu filho mais velho contava com apenas quatro anos.



A ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE PORTELA

UM NÚCLEO FAMILIAR EVANGÉLICO BATISTA

Durante a monarquia brasileira, a religião oficial era a católica romana, o que significava dizer que todas as outras eram consideradas clandestinas ou apenas toleradas. Com o advento da república em 1889, era de se esperar que as condições dos protestantes no Brasil se tornassem mais leves, mas foi justamente nos primeiros anos da república que as perseguições locais se tornaram ainda mais intensas.

O núcleo familiar de Joaquina Augusta dos Santos era fortemente católico, inserido em um contexto local imensamente fechado a outras expressões religiosas que não o catolicismo romano. Os filhos receberam o pedobatismo católico romano. O filho mais novo (o penúltimo a nascer) relembra que ele cresceu contemplando os muitos quadros com imagens de santos em sua casa. Acreditava que não menos de uma dezena. Dentre os ícones religiosos, ele fazia questão de salientar uma imagem de "Nossa Senhora" no quarto de sua mãe.³⁹ Certa ocasião, ele mesmo, "João César", menino correndo para cá e para lá, esbarrou na referida imagem, que sofreu um dano. A cabeça da imagem descolou-se do tronco e foi parar debaixo da cama. A mãe ficou imensamente irritada com o "sacrilégio", e o menino escondeu-se. Quando este voltou à casa, levou uma surra memorável. Naquele ínterim, a mãe apanhara "sebo de boi" e colara novamente a cabeça de "Nossa Senhora". Porém, a cabeça restou um pouco torta, e o menino lembrava-se de haver crescido torcendo um pouco a cabeça para contemplar a face impávida da imagem da santa.

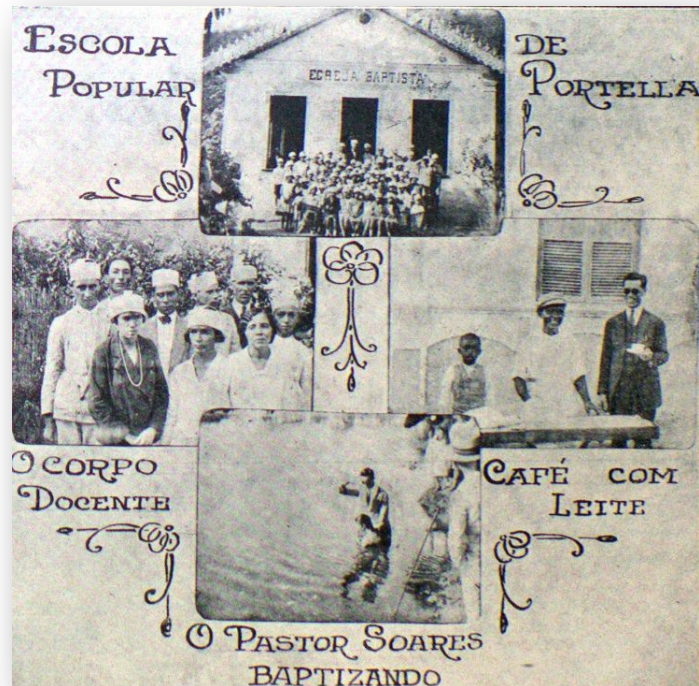
Em Portela, o início da pregação do evangelho data da segunda década do século vinte. Por volta de 1914, mudou-se para Portela um senhor evangélico batista, em cuja residência iniciou-se a pregação da Palavra de Deus. Muitos cultos eram realizados na casa deste senhor e em outros locais da vila, dirigidos geralmente pelo pastor Joaquim Coelho dos Santos que, àquela ocasião, pastoreava a Igreja Batista em Aperibé. O grupo de crentes conseguiu se consolidar no distrito após sofrer uma série de perseguições. Não obstante a severa oposição, em 15 de novembro de 1916 foi organizada a igreja com quarenta e quatro membros, que teve Joaquim Coelho dos Santos como primeiro pastor. Em 15 de novembro de 1917 foi inaugurado o primeiro templo da igreja.

³⁹ Dadas as origens portuguesas da família, supõe-se que uma imagem da "Senhora de Fátima".

Em 1917 os cinco filhos mais velhos de Joaquina Augusta já eram casados. De 1914 a 1918 deu-se a Primeira Grande Guerra, e foi também o período de algumas epidemias ao redor do mundo. Por volta de 1918, época da grande guerra, a pandemia da "gripe espanhola"⁴⁰ matara a milhões em todo mundo, inclusive milhares no Brasil. Sabe-se que no final daquela década, os três primeiros filhos de Joaquina Augusta, com os seus respectivos cônjuges, já eram convertidos.

Nas origens da conversão desta família saliente-se a importância de alguns fatores, que foram cruciais ao crescimento dos batistas no Brasil. Em primeiro lugar, o empenho das *Sociedades Bíblicas* na tradução e disseminação do texto bíblico. Naquele tempo, em geral os católicos no Brasil não tinham acesso ao texto bíblico, e os fragmentos a que tinham acesso na missa estavam em latim. Um segundo importante fator foram os esforços da primeira geração de "colportores", que vendiam a Bíblia e outros livros. Em uma época em que a Bíblia era um livro odiado, e não estava exposto em prateleiras, o trabalho desses homens foi muito crucial. Um

terceiro fator era a importância dos chamados "obreiros leigos", os quais, dentro de suas possibilidades, ofereciam um testemunho básico e concediam as primeiras direções e apoio ao evangelizando. Onde a vida era marcada pela dureza, e a religiosidade acentuadamente clerical e hierárquica, algo assim tinha um efeito poderoso sobre os novos convertidos. Por fim, um outro fato muito importante na conversão da família foi o ministério da *Escola Bíblica Dominical*, oferecendo instrução bíblica regular e sistemática, e geralmente ministrada por homens e mulheres da própria comunidade.



⁴⁰ A *Gripe de 1918* (frequentemente citada como *Gripe Espanhola*) foi uma pandemia do vírus *influenza* que se espalhou por quase toda parte do mundo. Foi causada por uma virulência incomum e frequentemente mortal de uma estirpe do vírus *Influenza A* do subtipo H1N1. Informações dão conta que vitimou entre 50 e 100 milhões de pessoas pelo mundo (ou até 5% da população mundial), e tem sido considerada como a pandemia mais letal da História da Humanidade.

À exceção de uma filha⁴¹, todos os demais filhos de Joaquina Augusta se converteram. Também Joaquina Augusta veio a se converter, tendo sido crente fiel e dedicada. O jovem pastor Erodice Fontes de Queiroz⁴², o segundo ministro na igreja batista em Portela, em seu breve ministério na igreja (1923-1925), visitou a residência de Joaquina Augusta, e, com sua influência, contribuiu para a sua conversão. Joaquina Augusta foi batizada pelo pastor Joaquim Coelho dos Santos, na Igreja Batista de Portela. A senhora Albina Parreira Soares, a segunda esposa de Antônio Soares Ferreira ("Pastor Soares", 1896—1956), o terceiro pastor da igreja, relatou que, ainda solteira, conheceu a viúva Joaquina na Igreja Batista de Portela. Segundo o seu testemunho, a viúva era muito "simples", "conhecida como crente", e "não faltava aos cultos, quer fizesse muito sol, quer chovesse".

Em Portela, Joaquina Augusta dos Santos, viúva, residiu em companhia de um dos seus filhos, que adquirira a propriedade na localidade denominada *Valão do Papagaio*, a qual pertencera aos pais. Mais tarde, ela mudou-se para Cardoso Moreira, município fluminense no curso do rio Muriaé, onde passou a morar junto à família de sua filha mais velha. Ali, dias antes de completar noventa e seis anos, faleceu na sexta-feira 9 de maio de 1969, tendo sido sepultada no dia seguinte no cemitério municipal. O tronco frondoso do Jacarandá tem sido utilizado por nós como ícone para todo o seu notável e calejado núcleo familiar, forjado pela providência divina em meio aos rigores da jornada interiorana, e que hoje contemplamos, *"caindo dos galhos, o passado a se balançar em seus longos cipós"*.⁴³



JOAQUINA AUGUSTA DOS SANTOS
(1873-1969)



▪ Publicado *online* em 3/11/2020; última atualização: 10/09/2021. O texto integra um *Projeto de Genealogia e História Familiar*: <https://wp.me/P2loMO-3UY>. Para contatos com o autor: <https://institutopoimenica.com/contato/>

⁴¹ Maria Augusta dos Santos (Maria dos Santos Viegas) casou-se aos dezesseis anos, antes da pregação do evangelho alcançar a família. Ela faleceu em trabalho de parto, com a idade de vinte e três anos. Segundo as informações disponíveis, ela não chegou a se converter.

⁴² Erodice Fontes de Queiroz (1898-1980) nasceu em São Sebastião do Alto, Rio de Janeiro, município vizinho de Itaocara. Foi um dos mais notáveis pregadores evangélicos no Brasil.

⁴³ Extraído de "Jacarandá", canção sertaneja de autoria de José Fortuna (1923-1983).